

**DOS DIÁLOGOS**  
**PÚBLICOS AO**  
***MAPA DOS***  
***GRAFFITIS***

**Milene Migliano**

Doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Federal da Bahia

#### {RESUMO}

O artigo mapeia o percurso da pesquisa iniciada com a dissertação de mestrado da autora, e busca compreender as situações comunicativas que se desenrolam por meio das práticas de escrita da cidade e seus diálogos públicos. O percurso começa com uma observação periódica das ruas, produção de registros fotográficos e de mapas como dispositivos de memória e vai ao entendimento da internet como uma nova tecnologia que passa a compor tais práticas culturais, investigando como isso ocorre. A produção e análise inicial de entrevistas semi-estruturadas, contidas no *Mapa dos Grafltis*, também compõem a narrativa sobre as narrativas das experiências urbanas.

#### {PALAVRAS-CHAVE}

Narrativas. Experiências urbanas. Diálogos públicos. Escrita da cidade.

#### {ABSTRACT}

The concept in this text is to approach the path covered so far by the ongoing research developed following our Master's Thesis. We try to understand the communicative situations that take place through the writing practices in the city, the public dialogues. This path starts from periodic observations of the streets, photographic records and the use of maps as memory devices, reaching the understanding of the internet as a new technology that embeds those cultural practices in different ways. The production and a brief initial analysis of the interviews posted in the *Mapa dos Grafltis* are also part of the narrative concerning to the narratives of the urban experiences.

#### {KEY WORDS}

Narratives. Urban experiences. Publics dialogues. Urban writing.



Diálogos públicos é como denominamos as situações comunicativas urbanas que se desenvolvem nas ruas, viadutos, pontes e outros contextos, por meio das práticas de escrita da cidade: pixação<sup>1</sup>, lambe-lambe, cartaz, estêncil, grafite, sticker, inscrição, apagamento, entre outras. O termo foi desenvolvido na dissertação de mestrado, *Diálogos públicos no centro de Belo Horizonte: mapas de sentido em comunicação urbana*, da autora deste artigo<sup>2</sup> a partir da experiência da pesquisa Cartografias Urbanas, no centro de Belo Horizonte. Os mapas dos diálogos públicos pesquisados na dissertação desvelam como algumas práticas comunicativas de escrita na cidade podem ser lidas pelos sujeitos que experienciam e compartilham o espaço urbano, produzindo diferentes narrativas. Os processos comunicativos relacionados às práticas de escrita da cidade, envolvendo os modos de materializar o compartilhamento de sentidos que se referem aos contextos culturais experienciados, vão assim se configurando como uma prática cultural urbana da multiplicidade.

A pesquisa Cartografias Urbanas<sup>3</sup> desenvolveu-se com a colaboração de pesquisadores de diversas áreas, produzindo mapas sobre os usos e apropriações que as pessoas realizam no cotidiano vivido da cidade, amparando-se na perspectiva de Michel de Certeau (2004), em “A invenção do cotidiano”. A partir dos registros nas saídas a campo ou da consulta a fontes históricas e das falas de pessoas em sites de relacionamento na internet, produzimos mapas que não pretendem esgotar a complexidade da vida urbana e, sim, acionar a memória dos seus possíveis leitores. Dessa maneira, os mapas são construídos sob a perspectiva de compor dispositivos de memória<sup>4</sup> que, a partir da articulação dos fragmentos de registro, produzem sentidos e despertam outras possibilidades de compreensão acerca da realidade urbana (SILVA, 2008). Na dissertação, lançamos atenção para três lugares de Belo Horizonte (BH): a Praça Sete de Setembro, a Praça da Estação e a Rua da Bahia, entre a Rua dos Tamoios e a Avenida Afonso Pena.

A escrita da cidade constitui-se no espaço urbano por meio da articulação da experiência do caminhar dos transeuntes que se apropriam dos percursos espaciais conectando-se aos textos que afetam os sujeitos a cada nova leitura. A proposição inspira-se em Walter Benjamin (2000) quando diz que a escrita tomou a cidade como nuvens de ganhafotos e comenta que se antes o texto se deitava em livros, desde o surgimento do jornal e sua leitura vertical, preparávamos para nos lançar neste tipo de experiência urbana.

Na primeira etapa da pesquisa, detivemos o olhar para os textos que estão enunciados nos muros, placas, postes, tapumes e prédios da cidade a altura da visão

<sup>1</sup> O termo pixação é utilizado com o mesmo significado ao modo como os praticantes se referem à atividade. Para eles, o termo pichação, grafado com ch e de acordo com as normas cultas da língua portuguesa não faz referência à prática cultural, mas sim à criminalização e associação ao vandalismo.

<sup>2</sup> *Diálogos públicos no centro de Belo Horizonte: mapas de sentido em comunicação urbana*, maio de 2009 no PPGCOM - UFMG, disponível no link: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAFI-82TGTC?show=full>

<sup>3</sup> A pesquisa Cartografias Urbanas desenvolveu procedimentos de compreensão dos sentidos da cidade por meio de registros produzidos por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e era coordenada pela professora Regina Helena Alves da Silva, do PPGCOM e PPGHIS - UFMG.

<sup>4</sup> Os registros produzidos e recortados pela pesquisa passavam a compor mapas que são reescritos cada vez que uma nova leitura se enreda por ele, criando outra narrativa onde outras experiências serão articuladas.



dos transeuntes. Diferentemente da forma dos anúncios publicitários ou das placas de sinalização do trânsito, a escrita da cidade desses diálogos públicos configura-se como um uso da cidade não programado (FONSECA, 1981; OLIVEIRA, 2007; PAIXÃO, 2011). Na busca de situações de uso e apropriação dos espaços urbanos pelas pessoas que ali se encontram cotidianamente, encontramos grafltis<sup>5</sup> de toda sorte, que estabelecem a troca de informações e sentidos na cidade. Ao direcionar o olhar e buscar compreender como as pessoas participam da dinâmica comunicativa urbana, estabelecendo relações com a realidade social, contexto cultural e com as outras pessoas que por ali circulam, acabamos por traçar um mapa de participação (RIBEIRO, 2004) dos sujeitos a partir da escrita da cidade.

Com a continuidade da pesquisa, percebe-se cada vez mais que a internet tem feito parte da composição das práticas de escrita urbana, compondo interações híbridas (BRETAS, 2004). Observa-se, primeiro, a inclusão dos endereços de blogs, flickrs, fotologs e emails nas expressões artísticas nas ruas, no lugar dos telefones fixos e depois dos celulares. Nota-se, também um significativo aumento de sites que compartilham registros de grafltis (Olhe os muros, Beside, entre outros), e não são apenas os interventores ou pesquisadores os que mantêm esses espaços virtuais, mas transeuntes, pessoas comuns que notaram a importância de ampliar os escritos para além da co-presença territorial.

Além de expandir os lugares e públicos por onde os grafltis circulam é preciso lembrar que muitas das expressões artísticas encontradas nas ruas desaparecem, já que esta é uma de suas qualidades, a efemeridade. Lembrando que já havia um banco de imagens significativo dos diálogos públicos que aconteceram em BH, pensou-se que poderia ser importante para ampliar ainda mais a participação cidadã, mencionar algumas inscrições que já foram silenciadas. Essa era uma demanda presente desde a pesquisa no centro da cidade, diante de algumas informações que desapareciam das paredes como não apareciam nos jornais locais. No intuito de pensar em alguma forma de intercambiar a pesquisa da dissertação com a cidade, relabourou-se a demanda de produzirmos o Mapa dos Grafltis<sup>6</sup>. O blog é uma plataforma de compartilhamento de registros fotográficos, sonoros e videográficos, das práticas de escrita urbana e dos diálogos públicos, apenas de Belo Horizonte. Contém entrevistas com 42 artistas e coletivos e exprime o desejo de registrar, visualizar e disponibilizar as imagens dos grafltis já apagados em relação com os novos que estão pela cidade. As entrevistas estão geo-referenciadas nos grafltis que os colaboradores nos pediram para evidenciar e suas sinopses trazem também indicadas as páginas - blogs, fotologs, flickrs, tumblrs e outros perfis, inclusive musicais. Todo o material que está no Mapa dos Grafltis faz parte da terceira etapa<sup>7</sup> desta pesquisa, que é investigar a dimensão política das narrativas que acontecem entre/na cidade e a internet: quais são os modos de resistência, as experiências de criação do comum e do dissenso (RANCIÈRE, 1996; MARQUES, 2011).

<sup>6</sup> O Mapa dos grafltis está hospedado em [www.mapadosgrafltis.org](http://www.mapadosgrafltis.org). e utiliza o plugin de wordpress, desenvolvido pela equipe [dowwww.mapasdevista.com.br](http://dowwww.mapasdevista.com.br), que possibilita o geo-referenciamento nas postagens do blog.

<sup>7</sup> A terceira etapa da pesquisa faz parte do doutoramento no PPGAU-UFBA, orientado pela Prof. Paola Berenstein Jacques e financiado pela Fapesb, desenvolvido pela autora.



## {DA RUA PRA WEB}

Na Praça Sete de Setembro de BH, espaço central na cidade, as situações comunicativas de diálogos públicos priorizam a produção de informação e circulação de experiências dos sujeitos que por ali estão. As situações produzidas articulam-se por meio de textos mais longos, que buscam fazer circular as informações escolhidas pelos sujeitos comunicativos como de interesse público. Assim, os temas abordados nas notificações - como os crimes, a corrupção, as críticas ao modo de viver contemporâneo, as reivindicações acerca das condições precárias em que trabalhavam os funcionários do INSS e as informações sobre a realidade acerca do tratamento dado aos presos que aguardam julgamento no Brasil - constituem-se como os sentidos que são narrados pelos sujeitos em suas práticas comunicativas na Praça Sete.

Ao procurar entender o que diferencia as situações de diálogos públicos da Praça Sete em relação aos outros dois espaços, percebeu-se que os sujeitos que enunciam neste lugar são pessoas que buscam articular sua experiência de vida nas interações comunicativas que produzem, acessando e consumindo formas de texto que remetem à oralidade, como o uso de vocativos, a estruturação dos textos mais coesos, a montagem a partir de fragmentos compondo os significados a serem compartilhados. A figura 1 mostra uma notificação em que o autor - que nessa época identificou-se com 87 anos - conversa

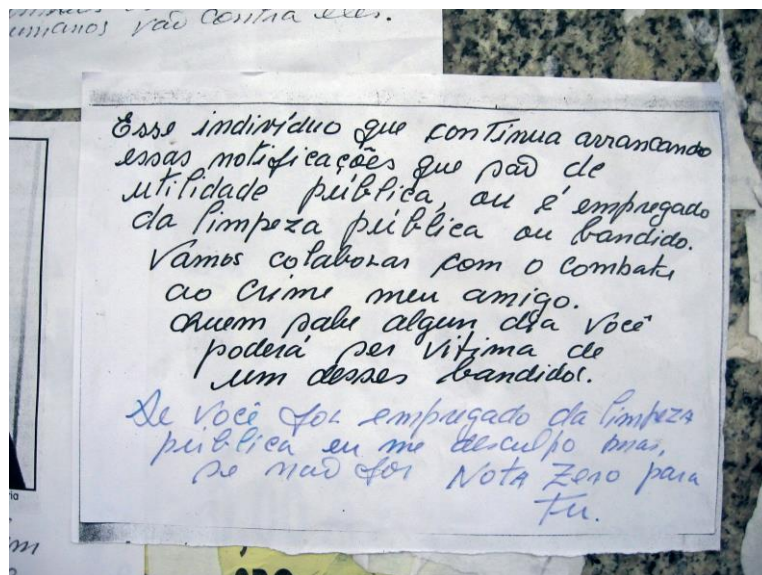


Fig. 1. 16/02/07, Praça Sete de Setembro, Belo Horizonte.

com os leitores sobre o ato de arrancar os pequenos cartazes que colava. As inscrições muitas vezes foram produzidas a partir de xérox de notícias de páginas de jornal, as quais eram adicionados comentários do autor e depois, novas inscrições de outros transeuntes, que iam compondo a situação.

Na Praça da Estação, lugar de grande circulação e encontro de pessoas, as situações comunicativas mapeadas destacam a sua potência de reivindicação sobre a realidade experimentada no centro. As frases inscritas rapidamente no meio do caminho de casa para o trabalho, da estação de metro para o ponto de ônibus, do bairro para o centro se materializam e se apropriam dos recursos disponíveis no momento. As interações comunicativas inscritas priorizam solicitar explicações sobre as transformações estruturais do espaço urbano do entorno da praça. Assim, os sujeitos que passam pela Praça da Estação usam taticamente dos tapumes, folhetos, tintas, canetas, muros e plantas para interagir com as outras pessoas, solicitando a prestação de contas do museu, a informação da data do término das obras e a instalação de banheiros públicos na área central.



Fig. 2. 12/9/05, Complexo Arquitetônico da Praça da Estação, Belo Horizonte.

Os diálogos públicos na Praça da Estação materializam-se sob a forma de frases rápidas, conectando as inscrições dos trabalhadores que passam apressados, mas nem por isso, desconhecem a realidade urbana que se experimenta neste espaço público. Portanto, os diálogos públicos em circulação no território da Praça da Estação evidenciam uma participação das pessoas que, mesmo sem um tempo ampliado para se dedicar a esta prática comunicativa de escrita da cidade, enunciam suas falas na cidade marcando seu lugar na participação nos processos urbanos. Na figura 2, temos a situação em que discutiam quando o museu ficaria pronto na qual aparecem os enunciados “não é de sua conta” e “é da nossa conta sim!”. A escadaria que fica de frente ao tapume fotografado durante as obras do museu, continua a receber muitas inscrições e mesmo intervenções artísticas, como a proposta na primeira virada cultural de Belo Horizonte, em setembro último.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Importante darmos conhecimento aqui que a Praça da Estação é, desde 2010 lugar privilegiado de lutas e manifestações lúdicas pelos direitos de uso e ocupação do centro da cidade, que passa por um processo de revitalização e gentrificação sem tréguas; uma destas frentes é a Praia da Estação, movimento contra um decreto municipal que proibiu eventos de qualquer natureza. O fato pode começar a ser elucidado no texto disponível no link [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11\\_05.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_05.pdf).

A Rua da Bahia, entre a Avenida Afonso Pena e a Rua dos Tamóios, tem uma história de uso relacionada aos movimentos culturais de Belo Horizonte. O portão onde tomam forma as interações comunicativas está desativado há pelo menos cinco anos. Abandonado, foi sendo apropriado pelos moradores de rua como espaço privado de uma casa, conformando-se como um lugar que provocava manifestações de asco nas pessoas que por ali circulavam, por conta do uso pessoal que é feito das escadarias e degraus. Mas as situações comunicativas que aí tomam forma reivindicam um outro uso criativo deste espaço da cidade, disponibilizando repertórios culturais gráficos em desenhos, xérox, máscaras. Experimentam técnicas de reprodução em grandes formatos, bem como técnicas de manipulação de imagens usando os recursos das novas tecnologias digitais, como câmeras fotográficas e computadores com internet.

Assim, os diálogos públicos que aí se instituíram compõem uma outra possibilidade de leitura para este lugar, sendo agora re-significado pelas leituras das imagens de ídolos e conhecidos, pelas frases que propõem ações e jogos de participação, acessando e conectando as experiências urbanas dos que por ali passam. A apropriação do espaço com a proposição de interações comunicativas que buscam estimular a fruição de referências artísticas pela manipulação de imagens via novas tecnologias de comunicação, nos faz considerar que portão da Rua da Bahia articula sujeitos urbanos que conhecem e se relacionam por meio do computador e internet, como os estudantes de arte e comunicação, mc's, dj's e outros articuladores da vida cultural da BH atual.

Ao entrevistar Dentinho<sup>9</sup>, um dos primeiros grafiteiros da cidade, soubemos que aquele território físico da esquina da Rua da Bahia com o Viaduto Santa Tereza, área ao lado do Edifício Sudecap/Sulacap, foi o lugar onde apareceu o primeiro grafiti da cidade: a palavra Simples veio acompanhada de um desenho de um robô dançando em um palco. A expressão era uma homenagem ao grafiteiro Natalício, recém-falecido à época. A homenagem aos praticantes da rua, grafiteiros, skatistas e pixadores faz parte dos agenciamentos coletivos de enunciação produzidos no grafiti, que está no entorno dessa esquina, embaixo do viaduto Santa Tereza, e que recebeu semanalmente durante cinco anos o Duelo de MC's. Expressão da cultura Hip Hop, esses foram os articuladores do coletivo Família de Rua<sup>10</sup> que indicaram a entrevista com o também DJ Roger Dee, ou Dentinho, possibilitando a ampliação da narrativa sobre o território. Eles relataram que as primeiras rodas de break aconteceram nas escadas do Sudecap/Sulacap sendo os vendedores que ali resistem uma memória prática desse tempo.

<sup>9</sup> A entrevista pode ser acessada no link [http://www.mapadosgrafftis.org/?mapasdevista\\_search=dentinho&x=-187&y=-390#lat=-19.88876113629609&lng=-43.95695026254487&z=12&p=2502](http://www.mapadosgrafftis.org/?mapasdevista_search=dentinho&x=-187&y=-390#lat=-19.88876113629609&lng=-43.95695026254487&z=12&p=2502).

<sup>10</sup> O coletivo Família de Rua organizou o Duelo de MC's de 2007 à 2012, dialogando e lutando com a prefeitura e o entendimento da gentrificação e expulsão dos jovens da periferia dos espaços públicos do centro de Belo Horizonte; o perfil deles no site de relacionamentos facebook é <https://www.facebook.com/familiadrua>







Fi. 3. 26/4/13; Homenagem ao Skatista Caveira produzido por Binho Barreto no mutirão do muro do Betânia, que contou com a colaboração de mais de cem grafiteiros.

A pintura do muro da Asmare<sup>11</sup> para o grafiteiro Amigo e a pintura do muro no Betânia para o skatista Caveira<sup>12</sup>, ambas em homenagens aos grafiteiros, bem como a lembrança e referência nas entrevistas do mapa dos grafltis de muitos grafiteiros e grafiteiras, aoseventos, revela a importância do estabelecimento de laços de sociabilidade compartilhados na rua, no espaço público. O grafiteiro Binho Barreto<sup>13</sup> não só narrou o fato como pediu que a imagem que o representasse no mapa fosse o graflti produzido na homenagem ao skatista Caveira, como uma forma de protestar contra essa violência urbana.

Essas temporalidades que conectam os grafiteiros, articulando suas relações, conhecimentos e experiências afetivas tinham sido encontradas ainda na pesquisa para dissertação. Para demonstrar algumas destas dimensões das temporalidades sociais compartilhadas pelos sujeitos nos diálogos públicos do centro de BH, foram organizados registros fotográficos em séries que possibilitaram o entendimento de algumas destes mapas de situações que conectam os três espaços recortados, ora apontando para relações

<sup>11</sup> Associação dos catadores de papel, papelão e outros, iniciativa cooperativa pioneira no Brasil. A sede da associação tem um muro de algumas centenas de metros na Avenida dos Andradas e todos eles foram cobertos pela homenagem.

<sup>12</sup> O skatista Caveira foi atropelado e abandonado na avenida Afonso Pena sem os primeiros socorros básicos, em 28/12/12, alarmando a violência e irresponsabilidade de motoristas no trânsito. <http://www.hojeemdia.com.br/minas/skatista-morre-atropelado-no-centro-de-bh-motorista-foge-1.72801>.

<sup>13</sup> A entrevista com Binho está acessível no link [http://www.mapadosgrafltis.org/?mapasdevista\\_search=binho&x=-187&y=-390#lat=-19.92250224669092&lng=-43.93814548893717&zoom=13&p=2188](http://www.mapadosgrafltis.org/?mapasdevista_search=binho&x=-187&y=-390#lat=-19.92250224669092&lng=-43.93814548893717&zoom=13&p=2188).



locais, ora para relações mais amplas como nacionais e internacionais. As conexões estabelecidas relacionam-se com uma variedade de assuntos sobre a vida compartilhada no espaço do centro de Belo Horizonte sobre a política local, mas também sobre questões que ultrapassam as fronteiras do território físico, trazendo a tona discussões sobre a homofobia, o machismo, a validade dos processos eleitorais da democracia brasileira e os modos de operar a escrita da cidade.

Os diálogos públicos que travam discussões sobre a vida em Belo Horizonte apresentam e requerem formas alternativas de transporte, como o uso de bicicletas, questionando o uso desenfreado de combustíveis no mundo contemporâneo. Também reivindicam um transporte público mais acessível aos estudantes, quando trazem para a rua os gritos a favor da adoção da meia passagem para os que vivem nesta condição e um trânsito menos violento, como podemos ver em diversos registros no Mapa dos Grafltis. A solicitação da presença dos políticos eleitos na resolução de algumas questões públicas, como o problema do trabalho infantil, também toma forma nas paredes da cidade, produzindo críticas que são direcionadas ao governador e ao prefeito, de Minas Gerais e de Belo Horizonte, respectivamente. Outras situações comunicativas estabeleceram-se no centro de Belo Horizonte, interferindo na dinâmica urbana, quando, por exemplo, os fotógrafos lambe-lambe indicam a mudança de seu lugar de trabalho por causa da interdição da Praça da Estação.

Ainda destacamos, nos mapas que produzimos sobre as interações comunicativas registradas, as formas que misturam os modos de escrita da cidade, as diversas linguagens e discursos. Tais situações comunicativas explicitam quais práticas comunicativas referem-se quando desenham um picotado em volta de um graflti, quando indicam o endereço virtual de onde foram acessadas as referências para a produção da inscrição e quando evidenciam o traço de caneta no papel impresso, marcando o equívoco na produção de uma mensagem colada.

Neste sentido, para além da operação de ler o que está disponível apenas aos olhos de quem caminha pelas calçadas do centro de BH, a escrita da cidade também estimula a materialização de outros textos compondo assim interações comunicativas. Desse modo, essa escrita pode ser considerada um processo comunicativo complexo, que articula as leituras e conexões de sentidos possíveis a serem apreendidos e acessados pelos sujeitos urbanos que movimentam esta trama.

Ao constituir a prática de escrita da cidade por meio dos gestos significantes, as pessoas fazem uso dos recursos disponíveis na cidade. No momento de sua escrita, acessam modos de operar estratégicos, atualizando formas comunicativas e inventando outras, por meio do fazer tático. Seguindo esta perspectiva desenvolvida por Certeau (2004), usar os tapumes, muros, placas e postes da cidade como suporte material da prática de escrita da cidade constitui-se como uma operação tática dos sujeitos que buscam interagir comunicativamente. Quando as pessoas escrevem na cidade e remetem-se a uma campanha publicitária, recorrem ao modo de fala do apresentador de um programa de televisão; conformam painéis de pequenas mensagens escritas, como os portais da



web, ou usam as notícias de jornal para comporem situações comunicativas no espaço urbano. Com isso, as pessoas estão fazendo apropriações das formas comunicativas utilizadas nas experiências compartilhadas.

Os modos de operar a comunicação urbana, estratégicos e táticos, que são atualizados nas situações comunicativas mapeadas na dissertação passam a compor também o campo de experiências acerca do fazer comunicativo. A primeira troca percebida<sup>14</sup> que ampliou a potência para a internet foi quando vimos os registros e uso que o grafiteiro Rafael Boneco<sup>15</sup> dava ao seu flickr visto no endereço <http://www.flickr.com/photos/bonecobh/>. Boneco, que foi um dos grafiteiros entrevistados no Mapados Graffiti, além de postar as fotografias dos seus stickers colados pela cidade, explicava o processo de produção de um carimbo para compor sua prática de escrita. Hoje, Boneco continua grafitando, mas além dos encontros com os amigos, desenvolve técnicas e é professor em diversos espaços de aprendizagem do graffiti. Ele também tem se apropriado de outras plataformas de compartilhamento de experiências na internet e a que mais tem se dedicado é o tumblr no <http://bonecobh.tumblr.com/>.

Nestes encontros proporcionados pelas trocas comunicativas, os campos de experiência culturais diferentes se confrontam, ampliando as possibilidades de leitura e escrita, para cada sujeito que lê e escreve na cidade. As dimensões temporais que podem ser acessadas potencializam a criação de variados sentidos, que são mais ou menos destacados pela continuidade das escrituras, privilegiando esta ou aquela significação social. Assim, conformam diversas redes de sentidos que podem ser destacadas por um percurso simbólico ou outro, pela leitura de cada sujeito individual e coletivo na cidade. Para Desali<sup>16</sup>, o sentido de produzir sua arte urbana é causar um estranhamento nas pessoas que encontram seus personagens em quadrinhos desenhados em folhas de jornal. Ele diz que é importante conseguir mudar o pensamento daquela pessoa que somente está pensando na dívida que tem, ou em como vai chegar ao final do mês com o restante do ordenado que, antes do dia 15, “já está minguando. Para ele, é este tipo de participação na escrita de Belo Horizonte que mais o satisfaz, apesar de ser um desejo que parece menor.

Nas situações comunicativas experimentadas, os sujeitos lêem e acionam sua memória criando sentidos diversos que mostram percursos simbólicos diferentes, realizando conexões que produzem redes de comunicação a partir das leituras e temporalidades acessadas. Pode-se abordar as situações comunicativas de diálogos públicos constituídos na escrita da cidade, como parte integrante de debates globais e

<sup>14</sup> A análise dessa situação de expansão da rede comunicativa urbana para a internet encontra-se no texto publicado na revista ponto-urbe, disponível no link: <http://www.pontourbe.net/edicao7-cirkula/130-intervencoes-urbanas-juvenis-e-a-constituicao-de-territorios-simbolicos-de-resistencia-no-centro-de-bh>.

<sup>15</sup> A entrevista está disponível no link [http://www.mapadosgraffiti.org/?mapasdevista\\_search=boneco&x=-187&y=-599#lat=-19.890580823981885&lng=-43.92797848300683&zoom=13&p=2568](http://www.mapadosgraffiti.org/?mapasdevista_search=boneco&x=-187&y=-599#lat=-19.890580823981885&lng=-43.92797848300683&zoom=13&p=2568).

<sup>16</sup> A entrevista completa com Desali e alguns registros de seu trabalho podem ser encontrados em [http://www.mapadosgraffiti.org/?mapasdevista\\_search=desali&x=-187&y=-599#lat=-19.88876113629609&lng=-43.95695026254487&zoom=12&p=2194](http://www.mapadosgraffiti.org/?mapasdevista_search=desali&x=-187&y=-599#lat=-19.88876113629609&lng=-43.95695026254487&zoom=12&p=2194).



locais, que ao estabelecer movimentos de discussão, buscam contato dos outros sujeitos que estão em convivência cotidiana, articulando diversas temporalidades sociais. A partir da apreensão e captura destes pequenos textos que como o lampejar dos vaga-lumes (DIDI-HUBERMAN, 2011) compõem as narrativas na cidade, foram propostas análises que reconstituem e visibilizam problemáticas que vão além do que as inscrições nos dizem, compondo redes no espaço urbano.

Na Praça Sete, foi identificado o predomínio de diálogos públicos que buscam compartilhar as experiências de vida como informações importantes de estarem em praça pública. Na Praça da Estação, os diálogos públicos instauram potências comunicativas que questionam as prestações de contas obras públicas, as eleições e as performances dos políticos, além das relações de legitimidade na ocupação do espaço urbano. Na Rua da Bahia, prevalecem os diálogos que buscam experimentações artísticas usando as potências das novas tecnologias na constituição de sua escrita na cidade, o uso da internet para pesquisa de imagens e o compartilhamento de experiências culturais. Mas há diversas outras interações comunicativas que estão a todo momento sendo publicadas em outros lugares do centro de Belo Horizonte, na cidade como um todo, em várias outras partes do país e do mundo. As situações comunicativas que produzem relações de sentido, se articulam tanto com o contexto dos territórios físicos, as cidades onde estão, quanto se conectam, constituindo percursos simbólicos, que movimentam imaginários urbanos no mundo. Tais percursos podem ser percorridos nos territórios físicos mas também na internet, a partir de conexões que podem ser experimentadas pelos endereços - de sites, flickrs, blogs, grupos e perfis - de compartilhamento de experiências de escrita da cidade.

Considera-se, assim, que as práticas de escrita da cidade podem conformar situações comunicativas de diálogos públicos também pela internet. É preciso que as interações comunicativas, que articulam a produção e troca de sentidos compartilhados entre as pessoas que experienciam os territórios da urbe, produzam um uso diferenciado das cidades; um uso que venha a ser reconhecido como uma potência da participação dos sujeitos na dinâmica de composição dos espaços sociais urbanos.



## {REFERÊNCIAS}

- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas Vol. I - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. Obras Escolhidas Vol. III - Rua de Mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- BRETAS, Beatriz. Interações Híbridas. In: Cultura em Fluxo, Novas Mediações em Rede. Org. BRASIL, André; JESUS, Eduardo de; FALCI, Carlos Henrique e ALZAMORA, Geane. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- CERTEAU, Michel de.. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FONSECA, Cristina. A poesia do acaso. São Paulo, T.A. Queiroz Editor: 1981.
- GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992
- JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização Urbana Contemporânea. Cadernos do PPGAUFBA, número especial "Territórios Urbanos e Políticas Culturais". Salvador: Editora UFBA, 2004.
- \_\_\_\_\_. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA; 2012.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Três bases estéticas comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: Anais do XXI Encontro da Compôs, UFJF, Juiz de Fora, 2012.
- MATOS, Daniela Abreu e MIGLIANO, Milene. Intervenção urbana e a constituição de territórios simbólicos de resistência no centro de BH. São Paulo: Revista Ponto Urbe, Sessão Cir-kula, 2009.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. In: Comunicação, mídia e consumo. Ano 4, vol. 4, n.º 9. São Paulo: ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2007.
- PAIXÃO, Sandro José Cajéda. O meio é a paisagem: pixação e grafite como intervenções em São Paulo. Orientação de Artur Matuck. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2011
- RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. Trad. Raquel Ramalhe, Laís Eleonora Vilanova, Ligia Vassalo e Eloísa de Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. O desentendimento: Política e Filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outras mapas. En: OSAL: Observatório Social da América Latina, Ano 6, no. 16, (Junho 2005) Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SILVA, Regina H. A. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. E-compôs, Brasília, v.11, n.1, jan/abr 2008.

Texto enviado em novembro de 2013

Aceito em dezembro de 2013

